



LUIZ-MANUEL

Um Pirilampo no Inverno

poesia

13

Quando faltar a luz em ti quando a escuridão
se apoderar do território desesperado que ainda és
e definitivamente capturar e eliminar réstias de luar
terás ainda tempo de refazer o mundo? O coração
não é dínamo – nem pilha que se possa carregar
outra vez: só o que escreves talvez persista.

14

Achas que este Inverno é longo? E se fosse o último?
Se fosse o último havias de querer-lhe assim tanto
que desejarias nunca mais findasse e que sempre
houvesse neve em ti. Assim o coração quando
envelhece põe de lado jardins que o habitavam
e regressa vencido à solidão uivante.

Tem tido nomes diversos. Em tantas épocas.
De tantas maneiras e em tantas línguas.
Arquétipo negativo?

O tirano de sempre

Está morto e nem sequer sabe que já morreu.
Apodrece por dentro. Amortalhado já
num absoluto véu. Fala ainda e respira
e mente ao ritmo alado do seu respirar. Mas
já morreu por dentro. E já o céu dele se retirou
para melhor o sepultar. Mas quem por desvario
assim o ouve e o segue e pouco sabe dele seguindo
em vão um morto vai também perecer nessa fogueira
sem fumo nem arder que certa gente acende talvez
para esquecer. Para esquecer que existe a morte
em vida. Para esquecer regras morais crimes expiações.
Para esquecer os medos recalcar emoções. Para
justificar vampiros tiranias conspirações. Para
fazer dos homens das mulheres das crianças
a matéria indefesa de sangrentas amortizações.
Para mentir. Para roubar. Para oprimir e torturar.
Para morrer por dentro antes da hora. Antes
de morrer também como manda a rotina:
morrer limpidamente morrer por fora. Fisicamente.
Como exige o destino. Como é peculiar na espécie
na condição humana. Como soe acontecer
com os inocentes – todos os dias da semana.

Mundo bárbaro

Azedaram-se as falas e os costumes
O sexo é uma mecânica rangente
Religião gera ódio e negrumes
O céu a tudo assiste impenitente

Não há culpados nem há inocentes
Morrem os sonhos em prisões secretas
Os predadores são onnipotentes
As armas falam – jazem os poetas

Ilha no Outono

À M.F.

Sou uma ilha mas aberta aos ventos
Não corro atrás de nuvens nem recuso
Arquipélagos sonhos pensamentos
Navios que caíram em desuso

Sei que as ondas desgastam o que sou
Em areia me mudam e abandono
A forma singular que me ficou
Para voltar a ser fumo sem dono

Mas os pássaros trazem-me alimento
E vou crescendo contra a erosão
No centro do meu espaço nevoento
Arde ainda – de pedra – o coração

*Para a Mariana Correia,
nobre fadista de Genebra¹*

Longe longe do teu rosto
Fez-se a noite assim tão escura
Fez-se Inverno onde era Agosto
Ó meu país da ternura

Rio turvo da emoção
Que nos meus olhos se escoia
A saudade – a sensação
De andar neste mundo à toa

O país onde nasci
Mora à beira do mar fundo
Da janela onde cresci
Olha-se o mar vê-se o mundo

Cidade vila ou aldeia
O chão nosso que perdemos
Nunca será lua cheia
Com este exílio em que ardemos

Mas um dia há-de acabar
O gelo desta distância
E havemos de regressar
Ao país doce da infância

¹ Mariana Correia (cf. www.fadofatum.com) integrou esta letra no seu repertório.